



Uma recepção criativa de Nietzsche desde América Latina: A “Morte de Deus” como possibilidade de libertação

Willames Frank da Silva Nascimento¹

Resumo: Objetivamos analisar o célebre anúncio da “morte de Deus” feito pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, um dos temas mais provocadores e radicais já concebidos pelo pensamento moderno ocidental, o qual possibilita novas hermenêuticas, como iremos demonstrar a possibilidade de libertação desde América Latina. Nesse sentido, abordaremos em primeiro lugar como a Europa se confundiu com a própria noção de Deus, para em seguida, discorrermos acerca do anúncio da “morte de Deus” como a constatação da dessacralização da Europa, a qual, a partir do niilismo, como superação das metanarrativas das interpretações metafísicas do mundo, possibilita-nos pensar uma nova hermenêutica da realidade, livre das interpretações que compreendem a Europa como a única possibilidade de pensar e dizer o mundo. Ressaltamos que reconhecemos os limites de Nietzsche para nossa interpretação sobre o tema, no entanto, com a fundamentação teórica de Dussel, demonstraremos que somente com a “morte de Deus” se dará a libertação do pobre oprimido e, apenas como consequência desta libertação, Deus sairá do seu pretenso funeral e se revelará como Deus Criador.

Palavras-chave: Nietzsche. Europa. América Latina. Libertação. Morte de Deus.

INTRODUÇÃO

O famoso anúncio da “morte de Deus”, proclamado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, anuncia um dos temas fundamentais elaborado pelo pensamento ocidental moderno. Distante de ser apenas negação da existência divina, essa sentença exprime uma aguda crítica à civilização ocidental, à moral, às metanarrativas e às estruturas metafísicas que fundamentam o pensamento produzido pela civilização ocidental cristã. Segundo nossa interpretação, a “morte de Deus” em Nietzsche não deve ser interpretada como um acontecimento literal, mas como uma metáfora que prognostica a crise cultural que se revela a partir da falência das verdades metafísicas e dos princípios absolutos. Esta afirmação patenteia a crise dos fundamentos metafísicos tradicionais de uma Europa divinizada e proclama a urgência de uma nova hermenêutica que possibilita a criação de novos sentidos e significados.

Pretendemos explorar novas interpretações da metáfora nietzscheana da “morte de Deus”, objetivando demonstrar que novas possibilidades hermenêuticas são possíveis, a

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, graduado em Filosofia pela Ufal. E-mail: willamesfrank01@gmail.com

saber, por exemplo, a de interpretar a sentença de Nietzsche a partir de uma recepção criativa de seu pensamento desde a América Latina. Pois, de forma inovadora, abordaremos como a Europa se autoafirmou e se reconhecia como sendo a própria noção de Deus. Não obstante, discutiremos a “morte de Deus” como constatação da dessacralização da Europa.

Destarte, faz-se necessário destacarmos que, tal dessacralização, se deu a partir do “nihilismo”, o qual transcende as metanarrativas das interpretações metafísicas do mundo e, conseqüentemente, provoca e nos força a pensarmos uma nova hermenêutica da realidade, que seja livre das interpretações as quais enxergam a Europa como alternativa singular de pensar e dizer o mundo.

Ressaltamos que nesta pesquisa não nos limitaremos ao pensamento filosófico de Nietzsche, uma vez que reconhecemos que o mesmo não corresponde em sua totalidade a nossa necessidade teórica de embasar o que estaremos a defender nas páginas que se seguem, isto é, entendemos que há limitações na filosofia do mesmo. Para contornar essa questão e fundamentar nossa pesquisa, amparamo-nos no filósofo latino-americano Enrique Dussel, que nos oferece uma perspectiva teórica desde a realidade própria da América latina onde embasaremos nossa pesquisa.

Além de Dussel, dialogaremos com outros comentadores de Nietzsche, como Alexandre Cabral, pois, nossa temática é demasiadamente delicada e para defendermos com rigor acadêmico e fundamentação teórica, faz-se necessário aporte teórico desses autores citados. Pois, defenderemos, a seguir, que apenas com a “morte de Deus” é possível ambicionarmos, desde um ponto de vista filosófico, a libertação do pobre oprimido e, exclusivamente, como consequência desta libertação, Deus sairá do seu suposto funeral e se demonstrará.

1. A EUROPA DIVINIZADA

A Europa moderna fará com o filósofo francês René Descartes (1596-1650) a tomada de consciência da sua identidade e ele será, entre outros, o ponto de partida da responsabilidade por definir o projeto da modernidade que conjectura uma ontologia da totalidade; porém, segundo nossa interpretação, compõe-se desde a negação de uma metafísica da alteridade. Descartes elabora sua filosofia em um período de mudanças significativas na Europa, em que o poder autoritário da Igreja Católica estava em crise e a ordem, em contrapartida, a autonomia, passou a ser um valor cultivado pelos modernos. A ideia de modernidade está, portanto, profundamente relacionada à racionalização como fundamento da organização da vida pessoal e coletiva, pela qual os indivíduos deverão construir uma “nova ordem” isenta de qualquer autoridade externa. “A razão não reconhece nenhuma aquisição; ao contrário, ela faz *tábua rasa* das crenças e das formas sociais de organização e política que não se baseiem em uma demonstração de tipo científico” (TOURAINÉ, 2002, p. 19). Esta nova ordem não levará em consideração qualquer autoridade que não resulte da razão.

A modernidade com Descartes inicia a aventura do Homem de “pensar com sua própria cabeça”. A noção de Deus como fundamento teológico e metafísico é intencionalmente

deslocada, sendo substituída pela ideia de “Homem”. Esta atitude, do homem moderno, é constantemente reconhecida e considerada como uma disposição própria da Humanidade como um todo, que passa a assumir para si própria a *ratio* como fundamento último do seu próprio ser. Esta abordagem será responsável por fabricar, desde este contexto teórico, aquilo que prevaleceu como padrão na filosofia e na ciência a respeito da natureza. De maneira geral, no período moderno, tal contexto leva à “desteleologização” da natureza.

O que possibilita os modernos realizarem tal experiência epistemológica? No trânsito entre a experiência grega e a moderna foi possível, pensamos, apreciar outra perspectiva do Ser: a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo. Nesse sentido, “no teatro do conhecimento, Descartes abre as cortinas do mundo moderno, inicia seu espetáculo, apresentando o seu ator principal: o sujeito” (BITENCOURT, 2017, p. 55).

Ao colocar o sujeito moderno europeu como protagonista da verdade, o espírito adquiriu sua maioridade, assumiu sua independência, tomou para si a responsabilidade da verdade e nesse movimento negou o Outro absoluto, este outro é o Deus do cristianismo medieval, e ao negá-lo, resta apenas o ego solipsista. Enrique Dussel denunciara que “o mais grave não é ficar sem Deus, mas instituir o mesmo (ego) como totalidade” (1984, p. 202). Aqui poderíamos ser indagados: E o Deus de Descartes? O Deus no sujeito cartesiano é posterior ao homem; segundo Bitencourt (2027, p.101) “Deus existe, mas só existe para um sujeito que o pensa”, já para Dussel (1984, p. 202) “O homem permanece só como um ego solipsista”.

Descartes apresenta à tradição filosófica uma nova metafísica: a metafísica do sujeito. Nela, o sujeito será o responsável por definir e validar o ser das coisas. O *ego cogito* cartesiano será aquele que irá proclamar o começo da história de um mundo novo: o mundo da subjetividade moderna, isto é, antropocêntrica.

Segundo a história da filosofia, na interpretação de Enrique Dussel: “em Hegel se dá a plenitude da totalização moderna” (1984, p. 203). Hegel, filósofo do século XIX, que pensa desde uma Europa que, a partir da colonização do século XVI, se expandiu por todo o mundo assumindo uma postura em que seu espírito se impõe como a verdade absoluta e que esta se constitui desde si mesma, por si mesma, sem relação com os outros. A Europa, desde Hegel, realiza sua filosofia que se posicionou como centro da história, como a única humanidade possível, sendo, portanto, o espírito da Europa interpretado como verdade absoluta.

Dirá Hegel em sua obra “Lições sobre a filosofia da história”: “a história universal representa [...] o desenvolvimento da consciência que o espírito tem da sua liberdade e, também, a evolução da realização que esta obtém por meio de tal consciência” (2008, p. 55). Assim, também para a América Latina,

O espírito [europeu] germânico é o espírito do mundo moderno, cujo fim é a realização da verdade absoluta (*der absolutem wahrheit*). Como determinação (*selbstbestimmung*) infinita da liberdade que tem por conteúdo sua própria forma absoluta (*die ihre absolute form selbst*) (HEGEL, 1999, p. 291).

Portanto, o que Hegel nos apresenta em sua obra é a história universal (*weltgeschichte*) como a plenitude do espírito absoluto/Deus (uma teodiceia) e uma Europa como encarnada nesse espírito, portanto, como divindade.

2. A CRISE DA CULTURA

O “niilismo” nietzschiano tem aparecido como um dos temas mais recorrentes nos debates entre os filósofos contemporâneos. Contudo, a diretriz hermenêutica que orienta as várias perspectivas sobre o “niilismo” pode, desde uma compreensão da tradição medieval-cristã, ser interpretado como “apocalíptico” (CABRAL, 2014). O “niilismo” como descreve Badiou “é a ruptura da figura tradicional do vínculo, o desligamento como forma de ser de tudo o que faz semblante de vínculo” (*apud* CABRAL, 2014, p. 15). Aqui se faz mister compreender o “niilismo” como a perda do vínculo com a tradição. A tradição como estrutura totalizadora que fundamenta o fundamento de toda experiência do ser humano. Assim sendo, no instante em que a figura tradicional do vínculo deixa de conter em si a capacidade de fundamento, deixando de ser fundamento dos princípios, os entes perdem sua sustentação e já não possuem mais qualquer relação com o ser supremo. Porque este ser supremo anunciado por Nietzsche em a “Gaia Ciência” (2012) está morto. “Deus está morto!”. “Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto!” (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

A afirmação de Nietzsche, antes já proferida por Hegel em sua obra “Fé e Saber” (2007), que “Deus morreu”, é passível de duas interpretações: a) como a “morte de Deus” na versão judaico-cristã; e b) como a “morte de Deus” exposta no pensamento de Hegel. Porém, Nietzsche não poderá negar qualquer Deus, uma vez que o discurso sobre a “morte de Deus” é apenas um anúncio de Zaratustra pelo que há de vir (Nietzsche, 2017).

A pergunta que nos resta, portanto, é: que Deus é este que Nietzsche, através do homem desvairado, tanto na “A Gaia Ciência”, (2012, § 125) ou pela boca de Zaratustra, em “Assim falava Zaratustra” (2017), anuncia que está morto e que nós o matamos?

Esse Deus morreu através de um ato de deicídio produzido pelo percurso da própria história, neste caso eurocêntrica, da humanidade. Esse é o deus de Hegel, “totalização da razão europeia” (DUSSEL, 1984, p. 264). “A morte de Deus é, portanto, a constatação efetiva de que a Europa (moderna) começa a não acreditar em sua divindade” (DUSSEL, 1984, p. 264) pretendida como fundamento de sua civilização. Nietzsche, de maneira profética, a partir do advento anunciado da “morte de Deus” dirá:

O que narro é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode deixar de vir: a interrupção do niilismo. Essa história já pode ser contada; pois aqui a própria necessidade está em obra. Esse futuro anuncia-se por cem sinais, esse destino anuncia-se por toda parte; para essa música do futuro, todos os ouvidos estão afinados. Toda nossa cultura europeia move-se já, desde há muito,

com a tortura de uma tensão, que cresce de década em década, como se estivesse em direção a uma catástrofe: inquieta, violenta, precipitada (NIETZSCHE, 2008, p. 16).

Em consequência, Nietzsche constata que a Europa já se torna atea de si mesma. O despojar da “morte de Deus” é, por conseguinte, a catástrofe dessa Europa divinizada. “A morte de Deus’ deve ser compreendida, antes de tudo, como o fim do verdadeiro mundo” (MOURA, 2019, p. 32). Desta maneira, se a realização desse evento não foi até o momento constatado pelos europeus, isso ocorreu porque não se alertaram que, com a “morte de Deus”, a civilização europeia ocidental fez ruir sua divindade. “Foi essa correlação, exatamente, que os europeus não perceberam (ou fingiram não perceber) e, por isso, não atinaram com a dimensão e a novidade da ‘morte de Deus’” (MOURA, 2019, p. 26). Mas, desde a América Latina, da periferia, desde os excluídos e com a constatação nietzschiana, nós reforçamos e gritamos para, mais uma vez, anunciarmos: “a Europa já não é deus” (DUSSEL, 1984, p. 264).

É preciso que esse “Deus” morra para que seja possível a libertação. A libertação daqueles oprimidos por esse deus/Europa. Essa Europa, para Hegel, possui um direito absoluto por ser ela mesma aquela que porta o Espírito absoluto, e da qual nenhum outro povo é capaz de tê-lo, portanto, são sem direitos.

Retomando o eurocentrismo hegeliano, podemos encontrar a sacralização do poder imperial europeu que, a partir de 1492, por exemplo, com a invasão de Hérnan Cortês, no México, será o primeiro momento em que este ego (europeu) se constituirá como senhor-do-mundo ou ainda, como dirá Dussel, como “vontade de poder” (1994, p. 22). “Nós, latino americanos, nascemos dentro dessa divinização, como colônias e como coisificados dentro dessa ‘totalidade’” (DUSSEL, 1984, p. 264). Nesse encontro de povos europeus e povos originários do continente americano, não podemos interpretar a futura América Latina como tendo sido “descoberta”, enquanto subjetividade distinta, como outra realidade. Não se trata, portanto, desde a perspectiva europeia, da manifestação do Outro, e sim da mesmidade do mesmo europeu. Falamos aqui, por conseguinte, do “encobrimento do outro”, da negação da subjetividade latino-americana.

O ego moderno divinizado europeu se realizou como tal desde a negação do não-ego, do não ser. Os povos originários desta parte de cá, desse encontro, não resultam desse evento como Outro, surgirão apenas como “eterno retorno do mesmo”. Mesmidade como povos a serem dominados, colonizados, “civilizados”, “salvos” pelo deus/Europa. “De forma que, para podermos nascer como ‘outros’ e sermos (libertos) como ‘outros’, necessitamos da morte desse ‘deus’ que, naturalmente, se escreve com minúscula” (DUSSEL, 1984, p. 264). Sendo assim, ao identificar e anunciar a “morte de deus”, aparece “o nihilismo [...] como insubmissão às autoridades instituídas” (CABRAL, 2014, p.25). Segundo o comentarista citado, nesta insubmissão radical “trata-se, antes de tudo, da autoridade de todos os antigos princípios da cultura e, sobretudo, da civilização”. Portanto, o “nihilismo” exprimido na frase “Deus está morto!”, nos abre as portas para desde a negação da negação, como dessacralização da

Europa divinizada, realizarmos a positividade da libertação daqueles que, verdadeiramente, foram excluídos, negados e mortos pela divina Europa.

3. O FUNERAL INCONCLUSO DE DEUS

Aqui se faz mister, como aponta Dussel (1984, p. 263), estabelecermos uma diferença entre tradição e tradicionalismo. A tradição é “voltar-se sempre para o novo da história, onde o espírito se revela” (DUSSEL, 1984, p. 206), a fim “de intervir extemporaneamente – isto é, contra a época, sobre a época e a favor de uma época futura” (ITAPARICA, 2017, p. 11). Sendo assim, entendemos que a tradição é criativa, inovadora e que está a serviço da vida. “A tradição implica o poder da criação e a realização da ação” (DUSSEL, 1984, p. 206). Já sobre o tradicionalismo, Andler afirma sobre o pensamento de Nietzsche que

não se deve confundir apego com entendimento. O tradicionalismo perpetua o passado sem compreendê-lo. Poupa-nos a insegurança com que os povos desarraigados, ou que perderam a compaixão pelos antepassados, buscam, tateantes, um novo solo em que fincar raízes. Mas o sentido tradicionalmente não incita a uma nova ação, e como se agarra com a tenacidade de um cipó às muralhas das antigas instituições, acaba, mais cedo ou mais tarde, por considerá-las veneráveis, não por elas encerrarem vida, mas por serem velhas. (ANDLER, 2016b, p. 222)

Ainda sobre o pensamento de Nietzsche, o autor aponta: “obrigar a nova vida a habitar essas moradas (o passado) seria tirania, se não fosse quimera, porque é a ‘tradição’ que sempre suscita às revoluções” (2016b, p. 223).

Para Dussel, ao confundir tradição com tradicionalismo é que foi possível divinizar a Europa imperialista moderna que, através do ego solipsista, se impôs como a única tradição possível. E há aqueles que insistem em manter o cadáver desse Deus de pé, não abrindo mão da deidade da totalidade europeia, levando de roldão ao cristianismo da cristandade colonial como parte integrante desta única cultura possível.

A aceitação da “morte de Deus” situa o “nihilismo” na direção da libertação. O “nihilismo” aqui não é entendido de forma abreviada apenas em seu sentido apocalíptico, mas, além disso, como possibilidade de uma nova hermenêutica de como interpretamos e dizemos a realidade. Com a desfundamentação do fundamento novas interpretações podem ser elaboradas uma vez que o fundamento já não existe. Nietzsche dirá em uma obra póstuma, escrita de novembro de 1887 a março de 1888: “as categorias ‘meta’, ‘unidade’, ‘ser’, com as quais nós impusemos um valor ao mundo, foram retiradas novamente de nós – e agora o mundo parece *sem valor*... nós medimos o valor do mundo com categorias, que se referem a um mundo puramente fictício” (Nietzsche apud Araldi, 2021, p. 10). Ao passo que o “nihilismo”, como libertação, manifesta-se a partir da “morte de Deus”.

E assim o “niilismo” e a “morte de Deus” surgem como superação das interpretações metafísicas, uma vez que estas interpretações se confundem com a definição do Ser supremo, fundamento privilegiado da civilização ocidental cristã.

4. O POBRE COMO EPIFANIA DO DEUS CRIADOR

Até aqui Nietzsche nos foi útil. Anunciar a “morte de Deus” e denunciar a dessacralização da Europa nos possibilitou a experiência da ruptura com a *figura tradicional do vínculo* em relação ao ‘niilismo’ europeu; pois, afirmamos um niilismo latino-americano. Mas já fazendo uso desse niilismo nosso, agradecemos, mas já ousamos deixar Nietzsche para trás. O entendemos, a partir daqui, como um bom europeu, como o “eterno retorno do mesmo”. Sua “vontade de poder” não pode, a nós, mais nos interessar, porque se existe aquele que possui a vontade de poder é porque existe aquele que sofre esse poderio; e, nesse caso, somos nós: a periferia. Aqui não podemos falar em “vontade de poder” e, sim, “vontade de justiça”: “Não nos mate! Desejo viver!”. Porque, como dirá Dussel: “o que é Nietzsche senão uma apologia do homem conquistador e guerreiro” (1980, p. 14).

Dito isto, cabe-nos ressaltar que aquele que sofre o poderio da vontade de poder é o pobre e aqui o pobre, segundo a Teologia latino-americana da Libertação, é “epifania do Deus criador”. Ao cometer o assassinato contra o pobre, deus é suprimido e impedido de se manifestar. Se não negarmos a Europa divinizada, se não reconhecemos a “morte de Deus” por Nietzsche anunciada, não possibilitamos a superação das metanarrativas, que ocorrem como decorrência da “morte de Deus”, como revogação do “em-si” e das metanarrativas que as tornavam possíveis. Do contrário, o ‘niilismo’ é produtor de outras alternativas hermenêuticas do mundo. Portanto, desde o contexto latino-americano, “a fé no pensamento pós-metafísico só pode ser fé se entendida como crise” (PENZO, 2012, p. 21). Por consequência, o não reconhecimento da morte desse deus, resulta na persistência de um sistema que encobriu o outro, negou a alteridade daqueles que transformou em periferia e matou o pobre.

CONCLUSÃO

A Europa moderna tem, já, durante cinco séculos assumido uma postura ético-política dominadora, provocando o sofrimento dos povos que ela transformou em periferia. Por isso mesmo, faz-se necessária uma radical crítica ao fetichismo do deus moderno.

A morte do fetiche é importante, porque como ‘toda a crítica começa pela crítica da religião’ fetichista; a libertação só é possível quando temos a coragem de ser ateus dos impérios do centro, enfrentando assim o risco de sofrer seu poder, seus boicotes econômicos, seus exércitos e seus agentes de corrupção, assassinato e violência (DUSSEL, 1980, p. 15).

Será por isso que a morte de Deus só poderá ser interpretada desde a periferia como possibilidade de justiça feita ao pobre, de libertação da opressão e não apenas como conteúdo teórico teológico, como costuma reduzi-lo, a teologia europeia.

A revelação de Deus irá acontecer apenas no momento em que o outro, em sua libertação, puder proferir o seu logos, sua palavra. Este logos revela sua situação concreta. Isto é, o “verbo que [...] se encarna no [“pobre”] e se transforma em redenção. Isto é, [libertação] plena” (ZEA, 2005, p. 355). Portanto, o retorno de Deus de seu presumido funeral está condicionado à libertação plena daquele que verdadeiramente é assassinado: o pobre excluído, periférico. Assim, desde a experiência da colonização eurocêntrica podemos, com Dussel, fazer a seguinte constatação: “quem morreu não foi Deus [...] quem morreu foi o índio, o africano, o asiático” (1984, p. 264).

Sendo assim, nos é possível compreender que, a partir da condição concreta do oprimido, o evento da “morte de Deus” se coloca como práxis de libertação. E desta maneira, reivindica uma nova história, uma nova teologia e uma outra hermenêutica, diferente daquela que temos tido até agora desde a centralidade europeia.

REFERÊNCIAS

- ANDLER, Charles. *Nietzsche: vida e pensamento*. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2016a.
- ANDLER, Charles. *Nietzsche: vida e pensamento*. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2016b.
- ARALDI, Clademir Luís. Fragmentos póstumos. Novembro de 1887–Março de 1888. *Estudos Nietzsche*, v. 12, n. 1, 2021.
- BITENCOURT, Joceval A. *Descartes e a invenção do sujeito*. São Paulo: Paulus, 2017.
- CABRAL, Alexandre M. *Nilismo e hierofania: uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche, Heidegger e a tradição cristã - Nietzsche, cristianismo e o Deus não cristão*. Rio de Janeiro: Maud X; Faperj, 2014.
- DUSSEL, Enrique D. 1492: *el encubrimiento del Otro* – hacia el origen del “mito de la Modernidad”. La Paz: Plurales Editores, 1994.
- DUSSEL, Enrique D. *Caminhos de libertação latino-americana*. São Paulo: Editora Paulinas, 1984.
- DUSSEL, Enrique D. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da libertação*. São Paulo: Edições Loyola; Piracicaba: Editora Unimep, 1980.
- HEGEL, Georg. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEGEL, Georg. *Lições sobre a filosofia da história*. Brasília: Editora UnB, 2008.
- HEGEL, Georg. *Fé e saber*. São Paulo: Hedra, 2007.
- ITAPARICA, André. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich W. *Sobre a utilidade e desvantagem da história para a vida: segunda consideração extemporânea*. São Paulo: Hedra, 2017.

MOURA, Carlos Alberto R. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Fragmentos póstumos*. v. 4 (1885-1888). Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sobre a utilidade e desvantagem da história para a vida: segunda consideração extemporânea*. São Paulo: Hedra, 2017.

PENZO, Giorgio. Introdução. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINNI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde a marginalização e a barbárie; seguido de a filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Willames Frank da Silva Nascimento é Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde também se graduou em Filosofia. Pesquisador nas áreas de Filosofia da Liberdade, pensamento de Enrique Dussel, crítica à modernidade e Filosofia Latino-americana. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7559-9340>. E-mail: willamesfrank01@gmail.com.

Endereço: Av. Lourival de Souza, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP 57072-900

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Profa. Dra. Kelly de Fátima Castilho/Prof. Doutorando Rafael Gonçalves da Silveira